

Uma incursão à imprensa feminina Sul-Rio-Grandense: a escritora revocata Heloísa de Melo nas páginas da *Violeta*¹

A raid on the Rio Grande do Sul women's press: the writer Revocata Heloísa de Melo in the pages of *Violeta*

LUCIANA COUTINHO GEPIAK

Doutoranda em Letras – PPGL – Universidade Federal do Rio Grande

lcgepiak@gmail.com

RESUMO:

As mulheres escritoras do século XIX encontraram na imprensa um meio fundamental de difusão, de modo que os jornais serviram como verdadeiros arautos da escrita feminina. Ao longo do território brasileiro foram vários os representantes da imprensa feminina e não seria diferente no Rio Grande do Sul, no qual diversas publicações destinaram-se ao público feminino. Uma das autoras sulinas mais importantes da época foi Revocata Heloísa de Melo, a qual militou na poesia, no conto, na crônica e na dramaturgia, além de atuar como polemista, sendo uma de suas causas mais recorrentes a da emancipação feminina, por meio da educação. O objeto de análise deste estudo está ligado às experiências de Revocata junto da *Violeta*, um dos periódicos precursores da imprensa feminina do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Imprensa. Escrita Feminina. Revocata Heloísa de Melo, *Violeta*.

ABSTRACT:

Women writers of the nineteenth century found in the press a fundamental means of diffusion, so that newspapers served as true heralds of female writing. Throughout the Brazilian territory there were several representatives of the women's press and it would be no different in Rio Grande do Sul, where several publications were intended for the female public. One of the most important southern authors of the time was Revocata Heloísa de Melo, who militated in poetry, short story, chronicle and dramaturgy, as well as acting as a polemicist, one of her most recurring causes being female emancipation through education. The object of analysis of this study is linked to the experiences of Revocata with *Violeta*, one of the precursor journals of the Rio Grande do Sul women's press.

Keywords: Press. Female Writing. Revocata Heloísa de Melo. *Violeta*.

Desbravadoras, trilhando um terreno sociocultural pedregoso e pouco fértil às suas práticas e ideias, as mulheres escritoras do século XIX e primeiras décadas do seguinte percorrem por tal caminho tortuoso, enfrentando resistências, preconceitos e adversidades de toda ordem. Elas perseveraram, não desistindo de seus ideais e levando em frente uma bandeira que permite para suas coetâneas e, ainda mais fortemente, no futuro, para aquelas que as seguiram, um novo espaço e uma nova concepção quanto à condição feminina.

¹ Artigo submetido para avaliação em 14/04/2019 e aprovado em 01/10/2019.

No caso do Brasil, elas se espalham pelas várias regiões, algumas encontrando notoriedade e fazendo eco de seu ideário, enquanto outras ficam mais restritas aos tantos quadros geográficos regionais deste imenso país, havendo ainda aquelas cujas referências se perdem, restando apenas nomes desconhecidos, como meras lembranças de um passado longínquo. A mais meridional fronteira brasileira, representada pela Província, depois Estado do Rio Grande do Sul também contou com a ação destas escritoras, desde as mais até as menos reconhecidas. Dentre elas, Revocata Heloísa de Melo é uma daquelas cuja ação permite um significativo reconhecimento.

Mas o ato de “escrever, para as mulheres, não foi uma coisa fácil”. Muitas vezes “sua escritura ficava restrita ao domínio privado”, de forma que “publicar era outra coisa” bem mais complexa. Elas tiveram de vencer os preconceitos e “o sarcasmo que, no século XIX, acompanha as mulheres”, as quais pretendiam ser autoras, “fronteira de prestígio difícil de ultrapassar, por causa da resistência em aceitá-las como tais”. Houve também “as dificuldades de reconhecimento”, entre os tantos obstáculos “para uma mulher transpor a barreira das letras”. Entretanto, “apesar de tudo, as mulheres transpuseram essa barreira” e, “nos séculos XIX e XX elas conquistaram a literatura” (PERROT, 2015, p. 97-99).

Nesta linha, a escrita feminina começa a se espalhar por um quadro mundial em que diversas mulheres tiveram um papel fundamental na afirmação do feminino. Algumas se destacam internacionalmente, outras, no âmbito regional e nacional. Estas escritoras constituem casos que conseguem “impor-se numa sociedade fechada, tradicionalmente patriarcal, capaz de sujeitar o feminino ao foro do privado, num isolamento a que não sobreviveriam tantas outras mulheres da sua geração” (LOUSADA, 2010a, p. 23).

O papel desempenhado por estas mulheres escritoras ganha ainda mais relevância pelo efeito produzido na condição de servirem de exemplo para as demais. Desta maneira, seu “périplo traçado revela a ousadia no ultrapassar de múltiplas barreiras, que às mulheres de Oitocentos estava porventura vedado”. Além disto, “o reconhecimento granjeado” por elas “junto de pares resulta do empenho e esforço empreendidos ao longo da carreira” para a qual se dedicaram. Fica então estabelecida “uma conquista que surgiria aos olhos das mais jovens mulheres”, que passam a tomá-las na condição de “modelo e precursora” (LOUSADA, 2012, p. 111).

Algumas conseguem publicar seus textos na forma de livros, ação mais restrita, principalmente por causa dos altos custos. Tendo em vista tal aspecto, os periódicos se tornam os principais propagadores da escrita feminina. Dá-se então o fenômeno pelo qual, “a

partir de meados do século XIX, assistiu-se ao surgimento de uma infinidade de jornais e revistas dedicados à mulher e à família”, constituindo um “tipo de imprensa” que “dividiu com a leitura de romances e folhetins a esfera privada e íntima na qual vivia a maior parte do público feminino” (PRIORI, 2016, p. 9, 296).

Neste quadro, “é quase impossível estudar a literatura feita por mulheres no século XIX sem nos debruçarmos no estudo e levantamento do que foi publicado nos periódicos dessa época”. Tais escritoras “tiveram uma quota considerável de responsabilidade no despertar da consciência das mulheres brasileiras”, desempenhando “um papel fundamental” (MUZART, 2003, p. 225-226). Ainda, estas “publicações genuinamente feitas de ‘mulher para mulher’ servem de termômetro para aferir os costumes de uma época”, uma vez que “retratam os paradigmas vigentes” (COSTA, 2012, p. 390).

Ocorre então, ao longo do “século XIX, a ascensão irreversível de jornais e revistas dedicados a mulheres, tal como uma grande diversificação de títulos”. São “publicações periódicas destinadas a mulheres e consumidas majoritariamente por elas”, as quais têm “um papel importante na emancipação feminina” (LAMAS, 1995, p. 20). Deste modo, “o espaço ocupado na imprensa pelas mulheres servia ao propósito de estimular e convocar para a batalha pela emancipação de outras irmãs” (LOUSADA, 2010b, p. 42). Este é um fenômeno mundial, mas também ocorre no Brasil e no Rio Grande do Sul, levando a escrita feminina a patamares até então impensáveis.

Revocata nasceu na capital rio-grandense, Porto Alegre, no dia 31 de dezembro de 1853, passando a morar, ainda muito jovem, na cidade gaúcha do Rio Grande, na qual passou toda a sua vida e promoveu sua carreira até a morte, em 23 de fevereiro de 1944. Como era característico da intelectualidade de então, ela teve uma atuação múltipla, envolvendo a poesia, o conto, a crônica e a dramaturgia, além da docência e da ação jornalística, com a qual esteve vinculada até o fim de sua existência, colaborando com periódicos e editando seu próprio jornal. Quanto aos livros, ela publicou *Folhas errantes* (1882), composto de crônicas e poesias, *Coração de mãe* (1893), um drama teatral, e *Berilos* (1911), os dois últimos escritos em parceria com a irmã e também escritora Julieta de Melo Monteiro. Ela também se dedicou a movimentos de fundo social, promovendo campanhas em prol do abolicionismo e da erradicação da pobreza. Em termos políticos, militou a causa federalista, fazendo oposição ao modelo autoritário que dominou o Rio Grande do Sul durante a República Velha.

A causa mais importante da carreira de Revocata Heloísa de Melo foi a favor da obtenção de um novo papel social para a mulher. Ela defende enfaticamente que a libertação e a emancipação feminina se dariam a partir do aprimoramento educacional. Assim, Revocata dedica sua carreira inteira, da juventude à velhice, a promover o ideal de uma nova condição social para a mulher, principalmente no que tange ao acesso à educação. Quando “ler romances, saber ler e escrever, exercer uma profissão fora de casa, gostar de escrever eram considerados deslizes perigosos” ou mesmo “transgressões da ‘verdadeira’ missão feminina”, apenas como mãe e esposa, muitas escritoras entram na “luta em que se empenham contra toda uma tradicional desconfiança da educação” para as mulheres (LEITE, 1990, p. 60).

O ponto alto da carreira de Revocata de Melo foi sua ação como proprietária, diretora e redatora do *Corimbo*, chegando a dividir algumas dessas funções com a irmã Julieta. Este periódico foi um dos mais importantes no contexto regional e nacional a defender a causa feminina, constituindo a publicação mais longeva deste gênero, pois foi publicada de 1883 a 1944. Em suas páginas escreveram algumas das mais importantes militantes feministas da virada do século XIX ao XX, abrindo amplo espaço para a discussão da temática da emancipação feminina. Um dos pontos fundamentais da existência do *Corimbo* foi a formação de uma grande conexão entre as escritoras de várias partes do Brasil e até do mundo. Desta maneira, “nesta floração de mulheres escritoras”, elas não se encontravam “isoladas umas das outras, mas, pelo contrário, formam uma espécie de rede feminina”, que se estende por todo o Rio Grande do Sul “e mantém vínculos com os outros centros do país” (SOARES, 1980, p. 145).

A atuação de Revocata de Melo no contexto da imprensa feminina antecedeu a própria fundação do *Corimbo* e ocorreu no pequeno periódico editado por sua irmã Julieta de Melo, denominado *Violeta* e que foi um dos precursores do jornalismo feminino no Rio Grande do Sul. A *Violeta* pode ser considerada como o embrião do *Corimbo*, pois em suas páginas já estavam demarcadas as características deste tipo de jornalismo, notadamente o espaço para a difusão da leitura e da escrita feminina e o intenso intercâmbio entre leitoras e escritoras de lugares os mais distantes. Eram dados assim os primeiros passos na articulação de uma imprensa feminina.

A imprensa feminina se caracteriza por ser aquela na qual a mulher pode atuar “como receptora e como produtora” do material a ser lido, sendo relevantes também o conteúdo e o tipo de linguagem dos periódicos. Tais publicações voltam-se a “alguns temas de grande interesse para o público feminino (BUITONI, 1986, p. 8, 21). No caso do Brasil, “a

imprensa feminina começou no século XIX”, o qual “foi acompanhado de mudanças na estrutura de nossa sociedade”. Nesta época, “as áreas urbanas começam a ganhar vida própria, libertando-se pouco a pouco da supremacia rural” e, neste espaço, abre-se um leque de maiores possibilidades para o desenvolvimento do jornalismo, inclusive de uma imprensa especializada, como foi o caso daquela de natureza feminina, surgindo em várias localidades “as primeiras publicações dirigidas à mulher” (BUIIONI, 2009, p. 30-32).

Neste quadro, “no Brasil do século XIX, várias mulheres fundam jornais”, os quais visam a “esclarecer as leitoras, dar informações” e mesmo “fazer reivindicações objetivas” (TELLES, 2015, p. 426). Os periódicos inseridos na imprensa feminina “são surpreendentemente múltiplos em sua diversidade”, uma vez que há desde os feministas, passando pelos conservadores e mesmo aqueles que não se comprometem diante de tal debate. Também existem “os que se limitam ao passatempo; os que visam a certos segmentos, como a jovem, a mãe de família, a adolescente, a estudante”; e ainda aqueles “que se dedicam a temas específicos: literatura, educação, política, lazer, moda e humor”. No mesmo sentido, também circulam “os que trazem um pouco de tudo em suas páginas: poesia, romance, charadas e escritos militantes” (DUARTE, 2016, p. 22).

Deste modo, “a imprensa feita por mulheres contemplou diferentes iniciativas, abrindo espaço para a voz feminina” e algumas de suas reivindicações (MOREL; BARROS, 2003, p. 61). Passa a ocorrer um processo pelo qual advém a inserção da “mulher ao mercado do impresso, não apenas como *leitora*, mas como *produtora* de textos de periódicos” e ainda “como *consumidora* de produtos anunciados pela imprensa” (MARTINS, 2008, p. 69). Estas publicações, “concebidas como objeto de lazer, se revelam essencialmente normativas, definindo o papel social e determinando os padrões de comportamentos desejáveis para a mulher da época” (COHEN, 2008, p. 117). Nesta linha, “um espaço decisivo para o desenvolvimento da expressão feminina foi a imprensa dirigida e editada por mulheres”, que avança entre os séculos XIX e XX (HOLLANDA; ARAÚJO, 1993, p. 18).

As publicações femininas passam por verdadeiras metamorfoses ao longo do tempo, “seja no formato, no conteúdo”, ou ainda no que se refere “ao público a que se dirigem” (KAZ, 2002, p. 19). Neste sentido, com a passagem deste tempo e destas modificações, “tanto os textos literários, quanto a imprensa feminina ajudaram a construir um perfil específico da leitora brasileira” (HELLER, 2006, p. 14). No caso brasileiro e sul-rio-grandense, há várias interfaces entre o jornalismo literário e a escrita feminina, existindo um conjunto de periódicos que constitui verdadeiro “empreendimento destinado ao público

feminino que, ao longo do século XIX, começa a ganhar cada vez mais espaço no periodismo literário” (PÓVOAS; SILVEIRA, 2012, p. 101).

Assim, o jornalismo literário foi um dos campos jornalísticos em que o periodismo feminino encontrou bastante expressão, afinal “a imprensa feminina nasceu sob o signo da literatura” (BUITONI, 1986, p. 22). Uma das primeiras representantes gaúchas deste gênero jornalístico – associando imprensa feminina e literária – é a *Violeta*, editada pela sua irmã Julieta Monteiro, que Revocata atua como a mais importante colaboradora. Trata-se de um periódico literário, mas sua particularidade é exatamente a presença plenamente feminina na redação e colaboração de seus textos, bem como a meta de difundir temas voltados a promover a leitura entre as mulheres.

A *Violeta* circula na cidade do Rio Grande entre março de 1878 e julho do ano seguinte e “suas propostas editoriais já ficavam demarcadas pelo dístico estampado em seu cabeçalho”, apresentando-se como uma folha literária, crítica e instrutiva. O periódico tem uma particularidade fundamental “ligada ao fato de que, além de ter uma mulher como redatora e proprietária”, também as suas colaborações eram “da autoria de representantes do sexo feminino”, bem como “o principal público alvo da folha” ser destinado às mulheres. As principais seções do jornal eram as “‘Rosas literárias’, na qual eram divulgados escritos em prosa, ‘Íris poético’, destinada aos textos em verso e ‘Miríades’, em que aparecia uma série de correspondências trocadas entre as leitoras” (ALVES, 2013, p. 130-131).

O jornal também faz “comentários acerca de periódicos e obras bibliográficas” e apresenta uma “‘Revista dos jornais’, na qual eram citados os diversos periódicos com os quais a *Violeta* fazia intercâmbio, enviando e recebendo exemplares”. Esta prática revela os alcances do semanário, que “fazia permutas com publicações oriundas não só do Rio Grande do Sul, como também de diversas localidades espalhadas” por todo o Império Brasileiro, “bem como do exterior, caso dos Estados Unidos e de Portugal”. Desta maneira, a folha leva sua mensagem a lugares longínquos, definindo-se “como um ensaio de jornalismo feminil, constituindo um dos primeiros tentames que se fazia na imprensa rio-grandense”, visando a “mostrar que a mulher, além do encanto do lar”, poderia também atuar “na república das letras, nas lutas da inteligência e nos prélios da imprensa” (ALVES, 2013, p. 131).

Ao longo da existência da *Violeta*, Revocata “teve uma participação relevante”, já que “ela foi a mais importante colaboradora no jornal”, trazendo “textos em prosa e verso” e contribuindo “significativamente com o intercâmbio de trabalhos”. Mesmo que a publicação “mantivesse a característica básica de constituir uma iniciativa praticamente unipessoal” de

Julieta Monteiro, “sua irmã acompanhou-a e auxiliou-a em muitas das etapas da elaboração do periódico”. Com “a assinatura de seu nome” ou “sobre a rubrica de um de seus pseudônimos”, principalmente Hermengarda, “Revocata de Melo foi a autora mais assídua” no quadro das colaboradoras da *Violeta* (ALVES; PÓVOAS; GEPIAK, 2016, p. 45).

Os trabalhos da autora “estiveram presentes na seção ‘Rosas literárias’, com escritos em prosa voltados à abordagem dos mais variados temas”. Ela escreveu também no “‘Íris poético’, no qual, em menor escala, divulgava versos de sua lavra”. Revocata “participou ainda da seção ‘Miríades’, na qual entabulava vários diálogos com as leitoras do jornal, mantendo um estilo mais coloquial”, quase como se mantivesse uma conversa envolta em certa informalidade “com outras mulheres que compunham a rede discursiva na qual as informações/opiniões emitidas pelo periódico gravitavam” (ALVES; PÓVOAS; GEPIAK, 2016, p. 45).

Na seção “Rosas literárias”, o primeiro texto em prosa publicado por Revocata na *Violeta* é “Presságio”, versando sobre as barreiras que obstaculizavam as relações amorosas (VIOLETA, 31 mar. 1878, p. 1-2). A segunda colaboração da escritora com o mesmo segmento é o texto intitulado “Noturno”, que igualmente tinha por tema os desencontros amorosos (VIOLETA, 14 abr. 1878, p. 1-2). No primeiro, a autora assina com seu nome e, no segundo, utilizava-se do pseudônimo Hermengarda, como também fica conhecida no meio da imprensa literária e feminina.

Também na seção “Rosas literárias” aparece outro texto publicado por Revocata de Melo na *Violeta*. Sob o título “Hossana!”, a autora trata de uma temática religiosa, alusiva à data corrente voltada à Semana Santa, envolvendo as comemorações cristãs referentes ao período entre a morte e a ressuscitação de Jesus Cristo. Sem dar nome ao personagem central, a escritora descreve o cenário onde teria ocorrido tal ressuscitar, sob o “cântico de glória” e “vozes angelicais” os quais demonstram que está cumprida a “augusta missão” e “consumado o tremendo sacrifício, radiante e majestoso”. Demarcando a influência da religiosidade em sua formação, como bem reflete o título do texto, referente a uma oração, Revocata afirma que, diante daquele momento, “nossas almas em saudoso e indizível arroubo aspiram ventura ao místico perfume das flores que entreabrem” (VIOLETA, 21 abr. 1878, p. 1).

A arte é enaltecida pela escritora em outra contribuição alocada na seção “Rosas literárias”, por meio do texto “A música”, no qual ela discorre sobre o tema, valorizando aquela “doce irmã da poesia” (VIOLETA, 2 jun. 1878, p. 1-2). Outra participação da autora na mesma seção ocorre a partir de uma necrologia. Sob o título “Ao passamento de Antônio

Carlos de Castro Filho”, ela faz uma homenagem a tal indivíduo, revelando que este nome fazia parte de suas memórias infantis. Revocata esclarece que o homenageado vivera longe de sua terra natal e falecera recentemente e mostra-se pouco conformada ao questionar o motivo do amigo ter adormecido “sobre o colo de pálido anjo da morte”. Em mais um de seus textos voltados a um preito fúnebre, ela manifesta “uma lagrimosa saudade, lembrando a passada infância” (VIOLETA, 14 jul. 1878, p. 1-2).

Ainda no segmento “Rosas literárias”, Revocata de Melo publica um breve texto intitulado “A ti...”, voltado a lembrar o passado e trazendo um tema bem comum aos seus escritos da época, versando sobre os encontros e desencontros amorosos. Após descrever um cenário repleto de melancolia, ela fala em separação, deixando apenas a permanência da possibilidade de que, no futuro, houvesse ao menos uma recordação (VIOLETA, 4 ago. 1878, p. 2). Também nesta seção da *Violeta*, destinada aos textos em prosa, a escritora apresenta o conto “Zulmira”, tratando-se de outro escrito com tom dramático, no qual o sentimento romântico sucumbia tragicamente com o desaparecimento da protagonista (VIOLETA, 11 ago. 1878, p. 2).

Entre agosto e setembro de 1878, em forma sequencial na seção “Rosas literárias”, a *Violeta* publica o conto “Juramento de um dia”, de autoria de Revocata. O texto traz várias reflexões a respeito do amor romântico, com diversificadas incursões ao tema em escritos da literatura universal. A história trata de uma moça chamada Emelina, em que a maior aspiração era “encontrar um peito onde se abrigue um luminoso raio” de amor. O sonho da moça acaba se concretizando nos braços de Jaime e eles passam a conviver enamorados, levando em conta a premissa pela qual “o amor para certas almas é uma necessidade, uma das poucas ambições do homem que compreende a poesia do coração”. Um tom de alegria compõe uma parte do conto, quando o casal vive as doçuras de uma paixão, entretanto, o teor melancólico não poderia faltar, até chegar o momento em que eles têm de se separar, sem antes fazer juras de amor eterno e de um retorno o mais breve possível. A tragédia preenche a história, pois Jaime demora três anos para voltar e, ao fazê-lo já não mais encontra sua amada, sabendo dela apenas pela notícia de que “enlouquecera de dor”, sem deixar de, até a morte, perambular balbuciando “ele não voltou mais” (VIOLETA, 18 ago 1878, p. 1-2; 25 ago. 1878, p. 3-4; 1 set. 1878, p. 2-3; 7 set. 1878, p. 3-4).

Também no segmento “Rosas literárias”, a escritora publica outro texto de conteúdo fúnebre denominado “À morte de minha chorada tia”. Era uma homenagem à escritora Amália dos Passos Figueiroa. Inconformada, Revocata de Melo lamenta que o

“crepúsculo da morte” tivesse levado aquela “doce poetisa do sul” e lastima que a tia partisse tão cedo “em meio às sombras eternas, embalada ao funéreo canto do anjo dos túmulos”, deixando a poesia “enlutada numa manta de tristeza”. Revocata deseja que Amália durma, “enquanto nós soluçamos nas trevas da saudade lancinante, pela escura noite onde jamais brilhará a luz de teu inspirado olhar” e afirma que, perante aquela morte, restaria uma “querida lembrança” e rolariam “acerbas e dolorosas lágrimas” (VIOLETA, 13 out. 1878, p. 3).

Outra colaboração com a *Violeta*, nas “Rosas literárias”, traz um dos temas preferencias de Revocata de Melo – a morte. O texto lúgubre se justifica também como uma homenagem à data da edição, tendo por título “Dia de finados”. A autora descreve o merencório ambiente dos cemitérios, lugar no qual “chora a alma”, por causa dos “sonhos fanados em embrião” e da “aspiração ardente”, que “murchou enlaçada aos goivos e ciprestes”. Segundo a escritora, “cruel é a realidade da vida”, pois, com o seu fim, “pendem mirradas as vívidas quimeras e as ilusões que povoam os íntimos devaneios”. Pessimista, Revocata parece deixar de lado seus preceitos religiosos e a ideia do paraíso *post mortem*, afirmando que “negra e pavorosa deve ser essa tétrica morada”, não havendo “nem mais uma esperança ali”, a não ser “o sudário gélido e misterioso”. Diante de tal constatação, resta à escritora saudar seus entes queridos que tinham adormecido à “sombra desse impenetrável mistério” (VIOLETA, 3 nov. 1878, p. 2).

Duas partes do conto “O moço do gorro negro”, um dos mais conhecidos da autora, são publicadas por Revocata na seção “Rosas literárias” da *Violeta*, trazendo a trágica história de um rapaz que sofre com as tristes desesperanças do amor. Mas a edição fica interrompida e o texto completo só aparece com a versão final editada no livro *Folhas errantes*. Em ambas as partes do conto apresentadas nas páginas da *Violeta*, Revocata de Melo não lança mão de seu próprio nome e apela para o recurso do pseudônimo Hermengarda (VIOLETA, 29 dez. 1878, p. 2; 1 jun. 1879, a. 2, n. 49, p. 2-3).

O último texto publicado por Revocata nas “Rosas literárias” traz uma de suas temáticas favoritas, sob o título “A mulher e os seus direitos”, versando a respeito da função social feminina. A autora enfatiza que “muitas mulheres têm na sociedade representado papel importante, conseguindo tanta glória que grande parte dos homens bem pode invejar”. A escritora até reconhece que “a mulher é o anjo do lar, ente fraco por natureza”, entretanto estaria fadada “a grandiosas missões”, de modo que ela deveria também “nascer para grandes cometimentos”. Ela questiona o quanto “importa a fragilidade de matéria, quando o espírito

pode alar-se, e a ideia rebentar cintilante, sublime e grandiosa” (VIOLETA, 1 jun. 1879, p. 1-2).

Na continuidade do texto, Revocata de Melo considera que “o gênio, esse meteoro deslumbrador, desconhece os sexos”, de modo que, “desde a antiguidade, em quanta fonte feminil tem ele derramado suas brilhantes fagulhas?!”. A escritora defende com ardor que a mulher – “por meio do estudo e das letras” vem a procurar “a ilustração, a ciência, o dourado pomo da sabedoria aclarando o espírito e desterrando a ignorância” – torna-se “mais digna de louvores e de admiração que o homem”. Desta maneira, a autora enxerga que, sem se “afastar dos labores do lar” e da “da esfera doméstica”, a mulher poderia “dar amplo espaço às suas aspirações de glória” (VIOLETA, 1 jun, 1879, p. 1-2).

A escritora gaúcha sustenta que “é errôneo o pensar e até dizer que a mulher dada às letras falta aos deveres domésticos” e, diante de tal asserção ela protesta, afirmando: “conheço bem de perto uma senhora que apesar de dominada pela enfermidade e tendo a seu cargo numerosa família, criancinhas a quem jamais faltou o cuidado”, não deixara “de estudar, procurar livros científicos e no silêncio das noites ilustrar seu espírito”. Revocata comenta ainda sobre a mesma senhora que, “mais tarde quando suas filhas chegaram a idade do conhecimento”, influenciou-as em direção ao “amor pela literatura, dando-lhes bons e proveitosos livros, assim como a educação doméstica, que é a paz e a união da família”. A partir de tais reflexões a autora exclama: “Deixem-nos pois hastear nosso estandarte, soltarmos o grito” de “luta em prol de nossos direitos” (VIOLETA, 1 jun, 1879, p. 1-2).

Ainda em prosa, mas desvinculado de qualquer sessão da *Violeta*, Revocata publica um texto laudatório à data da independência nacional, intitulado “Sete de Setembro”. Ela saúda o “brilhante sol da liberdade” e a “aurora do mais glorioso dia para todos aqueles brasileiros que sentem no coração a chama do patriotismo”. Para a autora aquela era uma data de exultação, por ser o dia que “recorda que para sempre estão quebrados os grilhões da escravidão”, devendo o povo soltar “o brado de vitória”. Deste modo, ela lembra que “em nossos ardentes corações não deve jamais deixar de pulsar o doce sentimento da gratidão, um entusiástico viva à memória do augusto herói”, em referência a D. Pedro I, estendendo a saudação à nação brasileira e ao Imperador D. Pedro II (VIOLETA, 7 set. 1878, p. 1).

Também de maneira independente em relação às seções tradicionais da *Violeta*, utilizando-se do pseudônimo de Hermengarda, a escritora rio-grandense publica um breve texto em prosa, cujo título limita-se a um ponto de interrogação. Mais tarde, tal texto identificado apenas como “?”, foi adaptado e inserido em *Folhas errantes*. Neste livro, o

título também se modifica no formato, mas mantém o sentido, passando a denominar-se “Interrogação”, versando o texto sobre os alcances dos sentimentos, mesmo quando cessa o viver (VIOLETA, 29 jun. 1879, p. 3).

No que se refere às publicações em versos de Revocata de Melo, presentes na *Violeta* em menor número que as contribuições em prosa, elas espalham-se ao longo das edições, normalmente na seção “Íris poético”. Foi o caso dos versos intitulados “No álbum da Exma. Sra. D. Maria Rosália Pereira”, datados de abril de 1876, e trazendo em tons bucólicos uma mescla entre as belezas da natureza e o sentimento romântico (VIOLETA, 28 abr. 1878, p. 3).

Na mesma seção, manifestando outro tema que marca sua existência, vinculado ao amor fraternal, Revocata publica um poema em homenagem à sua irmã intitulado “À Julieta”. Os versos têm a identificação de local e data – “Rio Grande, 78” e apresentam um desejo de união duradoura entre as duas irmãs, saudando a unidade entre ambas desde a infância – despertando o saudosismo – e o desejo da continuidade da admiração recíproca e da unidade familiar (VIOLETA, 5 maio 1878, p. 2-3).

Em outros versos publicados no “Íris poético” da *Violeta*, Revocata de Melo presta um preito laudatório no qual o próprio título é uma dedicatória: “À Laudocena L. Coelho” – nome que se refere a uma amiga da autora, e traz várias comparações da homenageada com belezas naturais, notadamente de inspiração floral e de pedras preciosas, na forma de qualificativos (VIOLETA, 12 maio 1878, p. 2).

Um tom mais lúgubre volta a marcar os versos de Revocata intitulados “Fragmento”. Em um primeiro momento, a poetisa enfatiza muitas das amarguras da vida, com os tantos infortúnios e desesperanças que afligem a humanidade. Depois, tal qual um lenitivo, ela encontra na fé uma forma de alívio para tantos descaminhos, revelando a profundidade do espírito religioso na orientação da vida da escritora (VIOLETA, 7 jul. 1878, p. 3):

Assim como das dobras do poente
 Se desatam as nuvens purpurinas,
 Também do negro seio do infortúnio
 Sobem aos pés de Deus preces divinas:

Quando e rívido sopro da desgraça
 Nos arroja nas trevas da agonia,

Buscamos com afã no lenho sacro
Áurea crença do céu, que nos sorria:

Se fanados os sonhos de nossa alma,
Desmaiada a centelha que os seguia,
Alentamos ainda uma esperança,
E prostrados ao filho de Maria:

A ele o grande mártir do calvário,
O Homem Deus, o sábio Redentor,
Aquele que remiu-nos do pecado
Ao suplício, morrendo - por amor! -

Feliz pois o romeiro desta vida,
Que expira murmurando uma oração:
E jamais entre as lutas com o destino
Se olvida dos deveres de cristão.

Ainda no segmento “Íris poético”, Revocata apresenta “Um sonho”, no qual traça um paralelo entre a natureza e uma relação amorosa. De um lado as bucólicas belezas do dia, mas, de outro, os tetricos momentos noturnos, os quais acabam revelando que o singelo romance não passara de um sonho (VIOLETA, 1 dez. 1878, p. 4).

A dor das irmãs Melo pela perda paterna fica patente nas páginas da *Violeta* em sua edição do início de abril de 1879, na qual Julieta publica um texto em prosa à memória de seu “idolatrado pai” e Revocata, na seção “Íris poético”, apresenta os versos “Lágrimas a meu pai”. O poema traz uma das tantas inspirações da poetisa, no caso a morte, triste por si só, mas agravada no caso dos entes queridos. Estes versos, datados de fevereiro de 1879, referem-se ao amor filial, à saudade e às insondáveis questões envolvendo o fim da vida (VIOLETA, 6 abr. 1879, p. 3).

Nas páginas da *Violeta*, Revocata de Melo ainda publica duas composições não localizadas especificamente em uma seção determinada. Uma delas tem uma forte inter-relação com as próprias escolhas da poetisa em torno de sua vocação. Sob o título “Num livro” aparecem reflexões sobre o significado da ação de escrever, muitas vezes surgindo tal ato como uma alternativa à solidão, mas o tom trágico, típico da autora gaúcha, permanece, com a constante desesperança diante do fim comum que serve de destino a todas as pessoas (VIOLETA, 14 jul. 1878, p. 3).

O outro poema da autoria de Revocata de Melo não inserido no segmento “Íris poético” da *Violeta* traz mais uma vez a dedicatória como título, denominando-se “À Alice Telles Pereira da Cunha”, identificada pelos versos como uma criança. A menina é enaltecida em suas feições infantis e inocentes, utilizando-se mais uma vez a autora de um recurso comum à sua escrita poética, ao tecer comparações entre as qualidades da homenageada e as belezas da flora. Além disto, a escritora deixa transparecer suas esperanças no porvir, especialmente a partir do papel desempenhado pelas crianças em relação ao futuro (VIOLETA, 29 jun. 1879, p. 4).

A outra seção, denominada “Miríades”, foi bastante constata nas edições da *Violeta* e, em seu sentido, traz a perspectiva de um grande número, ou seja, a uma supostamente significativa quantidade de correspondências trocadas entre a redação, as colaboradoras e as leitoras. Um tom mais coloquial caracteriza tal segmento, quase como que reproduzindo um diálogo no qual se trata de assuntos variados, desde pequenas narrativas sobre o dia a dia, passando por verdadeiros diários do cotidiano, e o estabelecimento de impressões sobre pessoas ou circunstâncias, até conversas acerca da vida alheia. As “Miríades” funcionam como uma crônica de amenidades e, várias vezes, são mais um mote para a narração do que efetivamente um contato através de cartas.

Assim, em diversos momentos, as “Miríades” constituíam uma crônica semanal, vindo à narração dos acontecimentos da semana sob um viés feminino. Muitas vezes as pessoas ficam identificadas apenas por apelidos ou iniciais, demonstrando certo cuidado em não desvelar particularidades que não deveriam frequentar o espaço público da imprensa. Revocata de Melo, sob o pseudônimo de Hermengarda, atua como uma das mais ativas participantes das “Miríades” e, em várias destas participações, acaba por revelar alguns detalhes sobre sua vida e seu pensamento.

Em plena Semana Santa e as reflexões que à época cercavam tal data, na seção “Miríades”, Revocata traz alguns detalhes sobre as melancolias de sua inspiração, acirradas naquele momento. Mas apesar da tristeza, parece prevalecer, ao fundo, uma perspectiva otimista (VIOLETA, 21 abr. 1878, p. 3):

Estou hoje um pouco propensa à tristeza, não sei se será isto devido a impressão dos solenes mistérios, que desdobram sobre esta época tão lembrada para os fiéis, um lutuoso véu banhado em lágrimas de crentes e arrependidos....

Que querem? Trouxe do berço estas ideias, não me fazem impressão certas teorias novas; vá quem quiser procurando as trevas, que eu irei sempre em busca da luz.

Em outra oportunidade, na seção “Miríades”, Hermengarda destaca uma de suas preferências quanto às estações do ano, a qual viria a aparecer em outros de seus escritos. Quanto às chuvas de maio, ela afirma que “são núncios do inverno que se aproxima tristonho e choroso” e, apesar da admiração pela “estação florida”, acaba por revelar “que há muita noite hibernal bafejada pelo gênio da poesia”. Diante disto, a escritora descreve um autêntico dia invernososo em sua terra, referindo-se à época em que “a copiosa chuva despenha-se em frementes catadupas caindo rumorosa sobre o lajedo das calçadas e as rajadas de gélido sopro passam assoviando melancolicamente”, abrindo espaço para que, “sob o teto do lar, na doce paz da família”, pudessem ocorrer “amenos serões” (VIOLETA, 5 maio 1878, p. 3).

Mais adiante, também no segmento de correspondências, Revocata se diz triste, tendo em vista a partida de uma amiga, diante da qual “o nosso Rio Grande caiu de novo em completa monotonia”. O consolo da escritora parece se manifestar por meio da possibilidade de comparecer aos espetáculos teatrais. Ali, além das atrações das peças, poderia também ser espaço para o flerte, como a escritora descreve ao observar a reação de algumas raparigas ao se depararem no teatro com “um moço alto e moreno”, qualificado nos comentários daquelas como um “anjinho” e uma “visão encantada dos sonhos” (VIOLETA, 12 maio 1878, p. 2-3).

Uma manifestação de entusiasmo da escritora fica demarcada nas “Miríades”, ao contar sobre “uma agradável surpresa que me afastou por um pouco do meu mundo de cogitações”. Ela faz referência a um texto escrito anteriormente, uma “singela fantasia publicada em um dos números da nossa *Violeta*”, destacando que “tão fraca produção, mereceu belas e lisonjeiras frases repletas de elegância” escritas por um “ameno e inspirado cronista” de um “florescente periódico literário” publicado na cidade de Santos. Diante disso, Revocata dedica “a tão distinto cavalheiro a minha sincera e indelével gratidão, como tributo às suas tão honrosas quão animadoras palavras”. É mais uma constatação do alcance dos intercâmbios promovidos à época (VIOLETA, 2 jun. 1878, p. 4).

O ambiente cultural citadino também aparece nas missivas traçadas por Revocata, como ao descrever um sarau, no qual comparecera “uma sociedade pouco numerosa, porém muito escolhida”, havendo “dança, sortes e consulta ao oráculo”, além de um “jogo dos cartões, entre perguntas e respostas”. Mas a grande atração fora a presença de um poeta, “que muito concorreu para que esta noite deixasse saudosas recordações”, uma vez que era ele um “repentista consumado” e, “de momento a momento, improvisava espirituosas estrofes”. Na mesma ocasião, a escritora descreve um cenário bastante propício a uma série de galanteios entre as moças e os rapazes presentes (VIOLETA, 16 jun. 1878, p. 3-4).

Os flertes voltam a ser assunto nas “Miríades” quando Hermengarda narra vários casos de aproximações entre os jovens, levando-a a concluir “que o amor aqui ainda não caiu em desuso”. Na oportunidade, ela anuncia o envio de exemplares da *Gazeta Mercantil*, nos quais estavam “insertos espirituosos folhetins” da lavra do “ilustre comprovinciano e ameno poeta Dr. Lobo da Costa”, identificando mais uma vez o profícuo intercâmbio literário típico daquela época (VIOLETA, 28 jul. 1878, p. 4).

Em outra edição das “Miríades”, Revocata se mostra inspirada, afirmando que “estou hoje verdadeiramente propensa à poesia”, propondo-se a comentar “uma elegante estrofe, pelo vigor de estilo e beleza de pensamento”. Tal apreciação era complementada pela avaliação de que os versos poderiam impressionar, por tratar-se de “um primor poético que deparei na primeira página de uma carteira de moça”; mas não passava de ironia, pois se tratava de um poema pobre em conteúdo e com erros ortográficos. Mantendo o tom jocoso, a escritora arremata a sua suposta avaliação: “bela inspiração, feliz daquele que a mereceu”. Após tal pilhéria, a correspondência passa a tecer vários comentários sobre os namoricos de ocasião (VIOLETA, 25 ago. 1878, p. 4).

O cotidiano político também está presente nas missivas de Hermengarda, como ao descrever que andava “a esperançosa mocidade alarmada com a luta dos partidos”. Mas a escritora atalha o tema, afirmando que ao menos aquele “ardor patriótico” poderia servir para “quebrar a monotonia de que se achava acometida a nossa sociedade, esse torpor e aborrecimento causado pela sensível falta de divertimentos e bailes”. De volta à temática política, ela narra as atitudes dos jovens conservadores e liberais, em referência às duas principais organizações partidárias da época imperial. Na mesma ocasião, os namoros voltam à pauta, bem como a jocosidade irônica, no anúncio de que estava por vir um “grande sucesso na literatura”, pois “está no prelo a interessante biografia da – ‘mulher nariguda ou arte de caluniar por inveja’” (VIOLETA, 15 set. 1878, p. 4).

Já ao final de 1878, Hermengarda faz sua última aparição nas “Miríades”, dando um título à sua colaboração – “Crônica – O que fazem corações”. Os galanteios e namoricos aparecem novamente como mote de comentários jocosos, com a referência a nomes de moças que teriam praticado “um roubo de corações, cujos donos sem dúvida armaram um processo nos tribunais de Cupido”, mas que acabaram “presos pelas inquebrantáveis cadeias do himeneu”. Diante de tal narrativa, a missivista conclui: “Tudo por causa dos corações” (VIOLETA, 17 nov. 1878, p. 3-4).

Mais tarde, Revocata de Melo, independentemente da seção “Miríades”, publica uma correspondência nas páginas da *Violeta* endereçada à “Cara redatora”, ou seja, à sua irmã Julieta de Melo Monteiro. O objetivo da missiva é homenagear o escritor gaúcho Múcio Teixeira, que visitara a cidade do Rio Grande, descrito como “gênio predestinado, sublime e laureado poeta”. Revocata lembra “cheia de ufanía que a terra abençoada que deu o berço a Múcio Teixeira, foi o meu querido torrão natal”. Ao manter o teor laudatório, a escritora afirma que Múcio “possui o condão da poesia a par de uma irresistível simpatia”, além do que “suas frases fluentes, ricas de inspiração, repletas de lindas imagens, fazem com que as pessoas que gozam de sua convivência” lhe destinassem “uma amizade fraternal e profunda admiração”. Na conclusão da carta, Revocata mostra a certeza de que conta com a aquiescência da redatora e irmã Julieta. Ficava mais uma vez demarcada a rede de inter-relações entre os literatos gaúchos daquela época (VIOLETA, 15 jun. 1879, p. 2).

Este ensaio trata de uma breve incursão ao trabalho desenvolvido junto à *Violeta*, uma precursora da imprensa feminina sul-rio-grandense. Tais estudos são fundamentais para um melhor conhecimento da escrita feminina, uma vez que os periódicos são “meios privilegiadíssimos, onde se fixam trajetórias de mulheres de relevo” e mesmo além delas, das “ideias que projetam”. Trata-se, assim, de um “crucial movimento de resgate”, ou seja, “é precisamente perscrutando a imprensa que o conseguimos efetuar”, já que “as publicações editadas com regularidade pelas organizações em que militavam as mulheres mais empenhadas são objetos de estudo imprescindíveis”. Nestas páginas encontram-se “algumas figuras notáveis de mulheres que se destacam no meio de uma massa gigantesca de tantas outras, anônimas, cujas existências se perdem no tempo” (LOUSADA, 2015, p. 48).

Desse modo, o objetivo foi realizar uma pequena colaboração para uma compreensão da escrita feminina gaúcha promovida por meio dos jornais, seguindo a linha de promover “um ato de olhar para trás de maneira nova”, com “novos olhos” capazes “de penetrar um texto a partir de uma nova direção crítica” (TELLES, 1990, p. 134). A recuperação de ao menos “parte do processo intelectual brasileiro, desde o século XIX, no que concerne às mulheres” possibilita “investigar a ampliação do público leitor e o papel desempenhado pelas revistas e jornais”, atuando “como fatores propulsores da conscientização feminina de seus direitos, e de incentivo para a produção de textos literários” (DUARTE, 2012, p. 37).

Nas páginas da *Violeta*, Revocata Heloísa de Melo, uma reconhecida autora sul-rio-grandense deu alguns dos passos iniciais de sua carreira, e de tais escritos já emergiam

várias das características fundamentais de sua obra. As imagens bucólicas, os olhares românticos, a ferrenha melancolia e o contato sempre muito íntimo com a morte foram algumas destas temáticas. Fazem parte também o ato da escritura, a inspiração poética, o contato com o mundo literário e, primordialmente, os intercâmbios que contribuíam com a formação de uma rede de escritoras. Ainda marca presença o ponto essencial da militância da autora, a luta pela emancipação feminina, igualmente contida em suas colaborações no periódico. Assim, a participação na *Violeta* constituiu um ensaio geral para o ápice da carreira de Revocata Heloísa de Melo, que ficaria conhecida como uma das mais longevas promotoras da imprensa feminina brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Francisco das Neves. *Violeta: breve história de um jornal literário no contexto sul-rio-grandense do século XIX*. In: *Miscelânea – Revista de literatura e vida social*. Assis, v. 14, p. 125-141, jul. – dez. 2013.
- ALVES, Francisco das Neves; PÓVOAS, Mauro Nicola; GEPIAK, Luciana Coutinho. *Escrita feminina no sul do Brasil: textos jornalísticos de Revocata Heloísa de Melo*. Lisboa: CLEPUL; Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2016.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. 2.ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009.
- COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 103-130.
- COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.
- DUARTE, Constância Lima. O poder da palavra: a imprensa feminista do século XIX à contemporaneidade. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Percursos críticos em história da literatura*. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 35-42.
- _____. *Imprensa feminina e feminista no Brasil – século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- HELLER, Barbara. *Da pena à prensa: mulheres e leitura no Brasil (1890-1920)*. São Paulo: Porto de Ideias, 2006.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; ARAÚJO, Lucia Nascimento. *Ensaístas brasileiras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

KAZ, Leonel. Um olhar sobre elas, as revistas. In: *Mulheres em revista: o jornalismo feminino no Brasil*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura da Cidade do Rio, 2002. p. 11-21.

LAMAS, Rosmarie Wank-Nolasco. *Mulheres para além do seu tempo*. Venda Nova: Bertrand, 1995.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Uma construção enviesada: a mulher e o nacionalismo. In: GOTLIB, Nádia Battella. *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990. v. 3, p. 56-66.

LOUSADA, Isabel. *Adelaide Cabete (1867-1935)*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Gênero – Presidência do Conselho de Ministros, 2010a.

_____. Imprensa: amplificador da voz feminina. In: *Percursos, conquistas e derrotas das mulheres na 1.ª República*. CML, 2010b, p. 41-48.

_____. Carolina: por entre os itinerários da memória e da ciência. In: *Gaudium Sciendi* – Revista da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, n. 2, jul. 2012, p. 108-117.

_____. Mulheres como nós? Da visibilidade ao mito – estratégias eficazes. In: *Revista Ártemis*, v. 19 n. 1, p. 47-51 jan. – jun. 2015.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 45-80.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. In: *Estudos feministas*, Florianópolis, 11(1): 336, p. 225-233, jan.– jun. 2003.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2015.

PÓVOAS, Mauro Nicola; SILVEIRA, Louise Farias da. Guiomar Torresão e as “Cartas Póstumas” do periódico feminino *O Mundo Elegante* (1887). In: *Navegações*, v. 5, n. 1, p. 101-105, jan./jun. 2012.

PRIORE, Mary del. *Histórias da gente brasileira*. São Paulo: Leya, 2016, v. 2.

SOARES, Pedro Maia. Feminismo no Rio Grande do Sul – primeiros apontamentos (1835-1945). In: BRUSCHINI, Maria Cristina; ROSEMBERG, Fúlvia (Org.). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Brasiliense, 1980. p. 121-150.

TELLES, Norma. Escritoras brasileiras no século XIX. In: GOTLIB, Nádía Battella. *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990. v. 3, p. 127-135.

_____. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 401-442.